

Fronteiras geográficas, de línguas e gêneros em Cristina Rivera Garza /

Fronteras geográficas, de lenguas y de géneros en Cristina Rivera Garza

*José Veranildo Lopes da Costa Junior**

É Bolsista de Pós-Doutorado Júnior (PDJ) do CNPq no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

 <http://orcid.org/0000-0002-2400-8715>

*Antonio Andrade ***

É licenciado em Letras Português-Espanhol, mestre em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura e doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Realizou Pós-Doutorado pelo Institut für Romanistik da Universität Potsdam (Alemanha). É Professor Associado IV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), credenciado ao Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas.

 <https://orcid.org/0000-0003-1126-9630>

Recebido em 30 mar. 2026. **Aprovado** em: 04 ago. 2026.

Como citar este artigo:

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da; ANDRADE, Antonio. Fronteiras geográficas, de línguas e gêneros em Cristina Rivera Garza. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 2, e7485, set. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.22442621.

RESUMO

Nascida na região da Fronteira Norte, entre o México e os Estados Unidos, Cristina Rivera Garza é uma das vozes mais potentes e renomadas da literatura mexicana, tendo recebido importantes prêmios, a exemplo do Pulitzer (2024). No conjunto de sua obra ficcional, mas também teórico-crítica, além da violência contra mulheres, a fronteira transforma-se em um tema de fundamental atenção. Neste artigo, tendo como corpus de análise o livro *La frontera más distante* (2023), traçamos como objetivo geral problematizar a formação de três representações fronteiriças em Rivera Garza. De modo inicial, consideramos os deslocamentos geográficos dos personagens como a primeira representação fronteiriça. Em seguida, identificamos uma segunda fronteira que diz respeito ao contato entre

*

 joseveranildo@ccae.ufpb.br

**

 antonioandrade.ufrj@gmail.com

línguas, especificamente entre os pares linguísticos a seguir: espanhol-inglês, chinês-nüshu. A terceira representação, associada à figura da fronteira, emerge do hibridismo de gêneros literários presentes na obra. Para a análise de cada uma dessas representações fronteiriças, o estudo se ampara nos seguintes autores: Andrade (2019), Anzaldúa (2016), Deleuze e Guattari (2011), Ette (2019), Guespin e Marcellesi (2021), Lagares (2021), Ludmer (2007), Segato (2018), entre outros. Como resultado, o artigo aponta que *La frontera más distante* (2023) coloca em tensionamento e, em posição fronteiriça, os espaços geográficos, as línguas que aparecem ao longo das histórias contadas e os gêneros literários que, em posição de hibridismo, constituem o conjunto de narrativas que formam o todo da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Cristina Rivera Garza. Fronteiras. Glotopolítica. Práticas translingues. Pós-autonomia.

RESUMEN

*Nacida en la región de la Frontera Norte, entre México y Estados Unidos, Cristina Rivera Garza es una de las voces más potentes y reconocidas de la literatura mexicana, y ha recibido importantes premios, como el Pulitzer (2024). En el conjunto de su obra ficcional, pero también teórico-crítica, además de la violencia contra las mujeres, la frontera se convierte en un tema de atención fundamental. En este artículo, tomando como corpus de análisis el libro *La frontera más distante* (2023), proponemos como objetivo general problematizar la formación de tres representaciones fronterizas en Rivera Garza. En un primer momento, consideramos los desplazamientos geográficos de los personajes como la primera representación fronteriza. A continuación, identificamos una segunda frontera que se refiere al contacto entre lenguas, específicamente entre los siguientes pares lingüísticos: español-inglés, chino-nüshu. La tercera representación, asociada a la figura de la frontera, emerge del hibridismo de géneros literarios presentes en la obra. Para el análisis de cada una de estas representaciones fronterizas, el estudio se apoya en los siguientes autores: Andrade (2019), Anzaldúa (2016), Deleuze y Guattari (2011), Ette (2019), Guespin y Marcellesi (2021), Lagares (2021), Ludmer (2007), Segato (2018), entre otros. Como resultado, el artículo señala que *La frontera más distante* (2023) pone en tensión y, en posición fronteriza, los espacios geográficos, las lenguas que aparecen a lo largo de las historias narradas y los géneros literarios que, en una posición de hibridismo constituyen el conjunto narrativo de la obra.*

PALABRAS CLAVE: Cristina Rivera Garza. Fronteras. Glotopolítica. Práticas translingües. Postautonomía.

1 Introdução

Matamoros, localizada na fronteira Norte do México, faz divisa direta com a cidade de Brownsville, no Texas, nos Estados Unidos. É neste lugar que, em outubro de 1964, nasce Cristina Rivera Garza, uma das mais conceituadas e relevantes escritoras da literatura mexicana, tendo ganhado importantes honrarias, como o Pulitzer (2024), premiação concebida pela Universidade de Columbia. Seus livros foram traduzidos a diversos idiomas, inclusive ao português, levando-a a ocupar um *status* de maior visibilidade e circulação no Brasil, a partir também de sua participação na Feira Literária Internacional de Paraty, ocorrida em 2025, no estado do Rio de Janeiro.

Por ter nascido e vivido parte de sua vida em uma complexa região fronteiriça na qual o convívio entre o inglês e o espanhol se materializa, Rivera Garza tem sido lida como ativista cultural em prol de uma valorização do espanhol como idioma que constitui a identidade do povo mexicano, mas que também é atravessado pelo contato com outras línguas, como o inglês norte-

americano, no caso da fronteira Norte, e das línguas indígenas, de circulação mais representativa ao longo da divisa com a Guatemala e Belize, além do próprio inglês com influência da variante britânica em função da relação exploratória da Inglaterra no território belizenho. Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*¹, em agosto de 2025, a autora chegou a afirmar que “ser escritor de fala espanhola nos Estados Unidos sempre foi uma forma de ativismo”, o que nos permite dizer que Rivera Garza parte de uma atitude glotopolítica (Lagares, 2024) que questiona o inglês norte-americano como língua de imposição, sobretudo na região da Fronteira Norte, onde os Estados Unidos tomaram parte do território mexicano a partir, por exemplo, da Anexação do Texas, em 1845 e, da formalização do Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848, com a cessão dos territórios da Alta Califórnia e Santa Fé do Novo México, entre outros.

Publicado, em primeira edição, no ano de 2008², *La frontera más distante*³ é uma das obras em que Cristina Rivera Garza faz uso do exercício do fantástico enquanto instrumento de criação literária. Em 2021, em entrevista a Ellen Maria Vasconcellos, e após responder uma pergunta em torno do seu processo criativo, a escritora afirmou que “um livro pode prescindir de paisagens, trama, personagens, mas não pode prescindir de um posicionamento em relação à linguagem”⁴. Nesse sentido, em uma primeira aproximação ao projeto estético de Rivera Garza espera-se, em razão do seu lugar geopolítico de nascimento, mas também pelo trânsito acadêmico e profissional da autora entre o México e os Estados Unidos e, conseqüentemente, entre o espanhol e o inglês, um exercício glotopolítico em torno das fronteiras e das línguas, conforme mencionado. Segundo Lagares (2024), a glotopolítica pode ser entendida como uma linha de pesquisa que identifica na linguagem formas de lutas democráticas contra a dominação política e a desigualdade sociocultural, razão pela qual a referida perspectiva teórica torna-se essencial na análise dos textos ficcionais e teórico-críticos da autora.

Ainda que Rivera Garza não tenha se identificado como chicana, sua obra estabelece um diálogo com os escritos de Gloria Anzaldúa, a exemplo do conhecido ensaio intitulado “Como domar uma língua selvagem” (2009), no qual a feminista chicana, a partir de frases ditas por um

¹ Fonte: <https://www.estadao.com.br/eldorado/ser-escritor-de-fala-espanhola-nos-eua-sempre-foi-uma-forma-de-ativismo-diz-cristina-rivera-garza/?srsltid=AfmBOopv5gG4aXgcM4fbkpKmSI78x3Jp5CI29PozxlCs9sSRhj53YExK> Acesso em 25 de janeiro de 2026.

² Faremos uso da edição publicada em espanhol pela Editora DeBolsillo em 2023.

³ A fronteira mais distante. Todas as traduções são de nossa autoria. No caso do título da obra, apresentamos uma única tradução nesta nota de rodapé a fim de evitar repetições e excessos.

⁴ Fonte: <https://incompleta.com.br/entrevista-cristina-rivera-garza/> Acesso em 26 de jan de 2026.

dentista, tais como “Nós vamos ter que controlar a sua língua” (Anzaldúa, 2009, p. 305) e “Nós vamos ter que fazer alguma coisa com a sua língua” (Anzaldúa, 2009, p. 305) apresenta uma reflexão sobre o uso do espanhol nos Estados Unidos. Nas palavras da intelectual chicana:

Eu me lembro de ser pega falando espanhol no recreio – o que era motivo para três bolos no meio da mão com uma régua afiada. Eu me lembro de ser mandada para o canto da sala de aula por “responder” à professora de inglês quando tudo o que eu estava tentando fazer era ensinar a ela como pronunciar meu nome. “Se você quer ser mexicana, *speak ‘American’*”. Se você não gosta disto, volte para o México, que é o seu lugar” (Anzaldúa, 2009, p. 305).

Em Gloria Anzaldúa, temos um texto que oscila entre o gênero ensaístico e o autobiográfico, apontando para questões caras em relação à formação da América Latina enquanto espaço discursivo e identitário. Primeiramente, é nítida a problematização sobre a fronteira como ferramenta delimitadora do uso e circulação das línguas entre nações, ou seja, do lado dos Estados Unidos, *speak American*⁶ (Anzaldúa, 2009, p. 305), enquanto o espanhol deve ser falado no território mexicano. Em suas publicações, Andrade (2019; 2025) tem problematizado a constituição monolíngue das nações que compõem a América Latina, bem como “a importância de se discutir o modo como as poéticas translíngues tensionam o paradigma do monolinguismo, que, sem dúvida, permanece ativo no imaginário coletivo” (Andrade, 2025, p. 56), aspecto que aparece no conjunto das obras de Anzaldúa e Rivera Garza.

Nesse contexto, defendemos que a literatura contribui com o questionamento do monolinguismo na formação dos Estados nacionais, de forma especial, na América Latina, conforme advoga Andrade (2019; 2025) e como demonstra Gloria Anzaldúa, tanto em “Como domar uma língua selvagem” (2009) quanto em *Borderlands/La frontera*⁷ (2006 [1987]). Assim, a obra de Cristina Rivera Garza é ilustrativa das questões relacionadas aos deslocamentos geográficos e das porosas fronteiras entre línguas.

Rivera Garza empreende, no *corpus* focalizado, um movimento de questionamento das fronteiras geográficas e linguísticas. Há, também, um outro tensionamento no texto da escritora mexicana que diz respeito às fronteiras entre os gêneros literários e linguagens que atravessam os diversos contos que, embora possam ser lidos independentemente, arquitetam o todo

⁵ Fale americano.

⁶ Fale americano.

⁷ A fronteira.

ficcional de *La frontera más distante* (2023), formado pelo contato entre prosa, poesia e música. Acerca disso, na mesma entrevista já citada, Ellen Vasconcellos (2021, s/p) lembra que as obras de Rivera Garza transitam entre muitos gêneros, e a autora comenta: “no meu caso, já recorri a arquivos (tanto institucionais como pessoais), entrevistas, registros feitos em pesquisas de campo, observação sistemática... estratégias que permitem chegar mais perto dos materiais de estudo”, afirmativa que ajuda a comprovar a nossa hipótese de que o romance em análise tensiona fronteiras entre gêneros e textualidades.

Portanto, considerando as fronteiras geográficas, de línguas e gêneros em Cristina Rivera Garza, neste artigo, traçamos como objetivo geral analisar de que modo *La frontera más distante* (2023) coloca em tensionamento e, em posição fronteiriça, os espaços geográficos, as línguas que aparecem ao longo das histórias contadas e os gêneros literários que, em posição de hibridismo, formam a obra. Como resultado, acreditamos que a narrativa de Rivera Garza discute a fronteira a partir de três elementos principais: i. enquanto lugar de transição geográfica; ii. como elemento de contato entre as línguas e iii. como ferramenta de hibridismo, caracterizando-se como um conjunto de contos atravessados pela relação entre diferentes gêneros.

2 A primeira fronteira: geográfica

Em *La frontera más distante* (2023), Cristina Rivera Garza constrói uma obra dialógica em que se percebe a autora como leitora de grandes nomes da literatura latino-americana. Na primeira página, temos uma citação de “Luvina” de Juan Rulfo, na qual dois personagens não conseguem dizer, com precisão, em que país estão: “Una plaza sola, sin una sola yerba para detener el aire. Allí nos quedamos. Entonces le pregunté a mi mujer: - ¿En qué país estamos, Agripina? Y ella se alzó los hombros⁸” (Rulfo, apud Rivera Garza, 2023, p. 13). Há, ainda, citações à Jorge Luís Borges e uma última menção à Rulfo que encerra o livro e dá continuidade ao excerto inicial: “¿Por qué no regresaste allí? Te estuvimos esperando. – Entré aquí a rezar.

⁸ Uma praça solitária, sem um único capim para conter o vento. Ali ficamos. Então perguntei à minha mulher: — Em que país estamos, Agripina? E ela deu de ombros.

No he terminado todavía. – ¿Qué país es este, Agripina? Y ella volvió a alzarse los hombros⁹” (Rulfo, apud Rivera Garza, 2023, p. 203).

Com estes dois fragmentos preliminares, Rivera Garza, que escreveu criticamente sobre a obra de Juan Rulfo, cria uma narrativa que se inicia e se concretiza com a dúvida sobre o lugar geográfico ocupado pelos personagens.¹⁰ São os filósofos Deleuze e Guattari (2011, p. 30) que, ao discutirem o rizoma, afirmam que “o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói”, o que nos permitiria dizer que a definição do lugar onde os dois personagens de Juan Rulfo se encontravam não é a do dualismo, constantemente figurado no caso de fronteiras. Pelo contrário, o deslocamento empreendido conecta lugares: o espaço de partida e o lugar de chegada. Por esta razão, os filósofos citados diferenciam o mapa, que possui múltiplas entradas, do decalque, que se volta para ele mesmo. Segundo os autores:

O mapa [...] contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter múltiplas entradas (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30).

Em Deleuze e Guattari (2011) temos o mapa como um objeto de dimensões desmontáveis, cuja característica aparece em outros elementos da obra de Rivera Garza, a exemplo da capa. Sob uma superfície que aparenta ser uma mesa, tem-se uma laranja parcialmente descascada. A imagem da capa de *La frontera más distante* (2023) parece fazer referência a uma das cenas mais emblemáticas de *Cien años de soledad*¹¹, de Gabriel García Márquez, quando, nas suas experimentações sobre o mundo, José Arcadio Buendía revela a

⁹Por que você não voltou para lá? Ficamos esperando por você. Entrei aqui para rezar. Ainda não terminei. Que país é este, Agripina? E ela tornou a dar de ombros.

¹⁰ Conforme apontamos, é importante destacar que Cristina Rivera Garza se dedicou intensamente ao estudo da literatura e da biografia do grande escritor mexicano Juan Rulfo. Sua imersão na vida e na obra rulfiana resultou, por exemplo, na publicação de *Había mucha neblina o humo o no sé qué* (2016), livro que, assim como *La frontera más distante*, é composto pela imbricação entre o literário e o documental, relacionando gêneros que caracterizam a narrativa ficcional, a biografia e o relato de viagem, promovendo ainda o cruzamento linguístico entre o espanhol, o inglês e o mixe, a língua dos povos indígenas de Oaxaca (México).

¹¹ Cem anos de solidão.

sua família que “la tierra es redonda como una naranja¹²” (García Márquez, 2014, p. 13), deixando Úrsula enfurecida com a situação. A imagem da laranja pode ser metaforicamente lida como bordas de uma fronteira, entre o descascado e o não descascado, que nos levam, conforme alertava Buendía, a uma volta à terra, ou como um rizoma que “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 48).

A primeira cena propriamente dita de *La frontera más distante* (2023) ocorre na sala de espera de um aeroporto, quando uma mulher encontra um homem chorando na madrugada enquanto esperava o seu voo. A seguir, o excerto em questão:

La noticia apareció en las páginas interiores del periódico, le decía. Un hombre llorando, efectivamente, en la sala vacía de un aeropuerto. Una madrugada.

- ¿Y él, por qué llora? – me preguntaba a susurros, tragándose los mocos y colocando el vaso ya sin agua en el borde oxidado de la pequeña ventana.

- Supongo que lo mismo que tú – le contestaba después de un rato, dubitativa –. Porque alguien le está pegando.

- Pero la sala está vacía, eso dijiste.

Guarde silencio. Un silencio avergonzado.

- No te preocupes – balbuceó con una voz apenada, contrita, después de un rato –. Yo nunca he viajado en avión¹³ (Rivera Garza, 2023, p. 22).

Nele, temos a voz de uma mulher, que na verdade é uma jornalista que encontra um homem, “el hombre nunca reveló su nombre¹⁴” (Rivera Garza, 2023, p. 29), chorando no aeroporto e, em seguida, se descobre que ele nunca havia viajado de avião. A cena pode ser explicada quando pensada a partir da laranja que ilustra a capa de *La frontera más distante* (2023). Se o aeroporto é um lugar de deslocamento e, como consequência, de aproximação a fronteiras geográficas, o sentimento expressado pelo homem que chora se aproxima à imagem da laranja, parcialmente descascada, cujas partes simbolizam um lugar de encontro, mas

¹² A terra é redonda como uma laranja.

¹³ A notícia apareceu nas páginas internas do jornal, dizia ela. Um homem chorando, de fato, na sala vazia de um aeroporto. De madrugada.

E ele, por que está chorando? — perguntava-me em voz baixa, fungando e colocando o copo já sem água na borda enferrujada da pequena janela.

Suponho que pelo mesmo motivo que você — respondia-lhe depois de um instante, hesitante. — Porque alguém está batendo nele.

Mas a sala está vazia, foi isso que você disse.

Fiquei em silêncio. Um silêncio envergonhado.

Não se preocupe — balbuciou, com uma voz triste, contrita, depois de um instante. — Eu nunca viajei de avião.

¹⁴ O homem nunca revelou o seu nome.

também de distanciamento. O ponto de imbricação entre a casca da fruta e a superfície carnosa da laranja funciona como um lugar fronteiro entre a casca externa e a fruta. O choro pode ser interpretado como um lugar fronteiro que também vai se constituindo na medida em que o embarque na aeronave se consolida.

Deleuze e Guattari (2011, p. 22) estabelecem, em oposição à árvore-raiz, a imagem do rizoma com “formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam um sob os outros”. Na cena descrita anteriormente, o homem que chora se encontra em um aeroporto, espaço que pode ser associado a uma rede rizomática que conecta cidades, países e continentes em um movimento complexo de junção. O título da própria obra, *La frontera más distante*, suscita no leitor aquilo que Deleuze e Guattari (2011) designaram como linhas de segmentaridade, as quais caracterizam o rizoma pela territorialização, mas também por “linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 25), uma vez que o título supracitado faz menção direta a um exercício desterritorializante provocado pela existência de fronteiras.

Neste movimento de surgimento de novas cartografias, temos a ambientação da chamada *Ciudad de los Hombres*¹⁵, lugar de destino da jornalista, a voz feminina, que passará um período de sete dias com o objetivo de desenvolver “un reportaje de la Ciudad de los Hombres desde el punto de vista de una mujer¹⁶” (Rivera Garza, 2023, p. 51). Nota-se, no nome do local, a marcação do gênero masculino. Embora esta pareça ser uma característica eminentemente ficcional, vale lembrar, com Rita Segato (2018, p.19), que “la historia del estado es la historia del patriarcado y el ADN del estado es patriarcal¹⁷”. Dito de outra forma, a antropóloga argentina explica que as cidades são patriarcais porque os papéis de gênero são definidos e estáveis. Em contraposição a isto, Rivera Garza colabora com a discussão protagonizada por pensadoras feministas de diferentes perspectivas, mas que se encontram na denúncia à constituição de que os espaços públicos das cidades são criados e pensados para os homens e não para as mulheres. Françoise Vergès (2020, p. 18) colabora com esta discussão ao lembrar que “todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, ‘abrem’ a cidade. Elas limpam os espaços de que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam para

¹⁵ Cidade dos Homens.

¹⁶ Uma reportagem sobre a Cidade dos Homens a partir do ponto de vista de uma mulher.

¹⁷ A história do estado é a história do patriarcado e o DNA do estado é patriarcal.

funcionar”, problematizando as estruturas patriarcais no funcionamento das cidades. Na narrativa em tela, esta cidade já havia sido tema de uma reportagem que chamou a atenção do chefe de redação da jornalista enviada, pois:

Decía: en las afueras del orden se desarrolla, con gran obstinación, otro orden. No se trata de una ciudad alterna propiamente dicha, sino de una serie de anticiudades que, diseminadas a lo largo de los estrechos fronterizos, sobreviven en constante movimiento. Fundados y abandonados casi al mismo tiempo, estos caseríos solo pueden existir si no son detectados por los distintos sistemas de vigilancia de la ciudad.

“Ahí en uno de esos efímeros poblados, sobreviven hasta la fecha dos de las tres periodistas que no lograron salir de la Ciudad de los Hombres”¹⁸ (Rivera Garza, 2023, p. 65).

A *Ciudad de los Hombres*¹⁹ é, na obra de Cristina Rivera Garza, denominada de uma *anticiudad*²⁰, cujo prefixo *anti*, oriundo do grego, significa contrariedade e oposição. Não se trata, portanto, de uma cidade, mas de uma não-cidade sob a justificativa de sua localização geográfica nas porosas fronteiras que causam, por consequência, movimento. Deleuze e Guattari (2011, p. 28) utilizam-se do mesmo prefixo para defender a ideia de que “o rizoma é uma antigenealogia”, no sentido de que o rizoma se contrapõe à origem genealógica, pois “um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 29).

Cidades fronteiriças são *anticiudades*²¹ porque, enquanto localizações geográficas, estes lugares desafiam os limites impostos pelas nações, constituindo-se em conglomerados que não se sabe, ao certo, onde se iniciam, tampouco onde terminam. Deleuze e Guattari (2011, p. 34) citam Amsterdã como exemplo de “cidade não enraizada, cidade rizoma com seus canais em hastes, onde a utilidade se conecta à maior loucura, em sua relação com uma máquina de guerra comercial”. Embora a capital da Holanda não esteja localizada em situação de fronteira, a cidade se aproxima de um rizoma pela característica de mobilidade, a partir dos canais que ligam as diferentes zonas, semelhante ao que ocorre em Veneza, na Itália. Por sua vez,

¹⁸ Dizia: nos arredores da ordem desenvolve-se, com grande obstinação, outra ordem. Não se trata propriamente de uma cidade alternativa, mas de uma série de anticiudades que, disseminadas ao longo das estreitas fronteiras, sobrevivem em constante movimento. Fundados e abandonados quase ao mesmo tempo, esses povoados só podem existir se não forem detectados pelos diferentes sistemas de vigilância da cidade. “Ali, em um desses povoados efêmeros, sobrevivem até hoje duas das três jornalistas que não conseguiram sair da Cidade dos Homens”.

¹⁹ A Cidade dos Homens.

²⁰ Anticiudades.

²¹ Anticiudades.

recorremos a Gloria Anzaldúa, nascida na divisa entre os Estados Unidos e o México, a respeito do seu entendimento sobre fronteiras:

Las tierras fronterizas están presentes de forma física siempre que dos o más; culturas se rozan, cuando gentes de distintas razas ocupan el mismo territorio, cuando la clase baja, media, alta e infra se tocan, cuando el espacio entre dos personas se encoge con la intimidad compartida²² (Anzaldúa, 2016, p. 35).

É interessante perceber que Anzaldúa acrescenta uma importante problematização interseccional à questão geográfica, ao discutir o fronteiroço como uma territorialidade expandida, que se reatualiza sempre que sujeitos e discursos marcados por diferentes gêneros, raças, culturas e classes se tensionam e dividem o mesmo espaço. Tal reflexão em torno da dispersidade da lógica da fronteira coaduna-se com a discussão a respeito da “epistemologia da fronteira”, para usar aqui uma noção proposta por Abril Trigo (1997), que chama atenção para a alteridade de saberes e perspectivas produzidas no contexto de trânsitos e cruzamentos, pensando assim a fronteira enquanto zona de fricção, isto é, zona simultânea de contatos/conflitos linguísticos, culturais, étnico-raciais e sócio-históricos.

Na *Ciudad de los Hombres*²³, Cristina Riveza Garza traz a categoria de gênero (enquanto *gender*²⁴) como central não só no deslocamento empreendido pela jornalista contratada para produzir uma reportagem sobre a cidade, a partir do ponto de vista de uma mulher, mas principalmente *do e pelo* contato estabelecido entre os homens que ali residiam e a mulher recém-chegada à cidade, que pode ser entendida, conforme assinala Segato (2018), como um território patriarcal. A título de exemplificação, leia-se o seguinte trecho de Rivera Garza (2023, p. 52):

Iba distraída y a disgusto, en efecto. Iba contra de su voluntad. Eso lo debió haber notado el hombre que, veloz, pasó a su lado, tratando de arrebatarme la bolsa de su hombro izquierdo. Eso también lo percibí con toda seguridad el otro hombre que, corriendo en sentido contrario, intentó llevarse su maleta. El viento entre los dos. El rostro cuando desaparece. El aroma de lo furtivo. Cuando apareció el tercer hombre, quien repitió su nombre varias veces y la tomó por los hombros al notar su falta de reacción, ella no pudo hacer otra

²² As terras fronteiriças estão presentes de forma física sempre que duas ou mais culturas se roçam, quando pessoas de diferentes raças ocupam o mesmo território, quando as classes baixa, média, alta e marginal se tocam, quando o espaço entre duas pessoas se estreita com a intimidade compartilhada.

²³ A Cidade dos Homens.

²⁴ Gênero.

cosa más que echarse a llorar. Le tomó un par de minutos darse cuenta de que lloraba sobre el pecho de un hombre desconocido²⁵.

Como se observa nessa citação, notamos que a personagem, após desembarcar na *Ciudad de Los Hombres*²⁶, tem as suas malas roubadas por dois homens. Rita Segato (2018) explica que qualquer tipo de violência contra as mulheres é um crime do patriarcado direcionado a todas as pessoas que desafiam o poder patriarcal. É importante recordar que a chegada da jornalista a esta cidade pode ser entendida como uma ameaça aos homens que terão suas vidas e práticas patriarcais expostas nas páginas do jornal. Enquanto movimento narrativo, Rivera Garza retorna ao momento inicial da obra quando o homem chorava no aeroporto, e a voz feminina intervém, oferecendo-lhe um copo de água. Em alusão à situação descrita nesse excerto, e como uma espécie de inversão ficcional, temos uma voz feminina que, após chegar à referida cidade, chora sob o peito de um homem desconhecido.

3 A segunda fronteira: o contato entre línguas

Na obra de Cristina Rivera Garza, há dois momentos em que as línguas estabelecem contato entre si. Inicialmente, no conto intitulado “Autoetnografía con el otro²⁷” (Rivera Garza, 2023, p. 29), a autora tece comentários sobre a origem e evolução da etnografia, passando da perspectiva clássica surgida no início do século XX e chegando à etnografia pós-moderna, entre os anos 1980 e 1990. Arquitetado como um ensaio etnográfico sobre a própria etnografia, no tópico em questão, defende-se reiteradamente, que “el cine y el colonialismo y la antropología nacieron al mismo tiempo²⁸” (Rivera Garza, 2023, p. 35). Temos, ainda, um subtópico intitulado “Cita textual en dos idiomas [Traducción de la autora]²⁹” (Rivera Garza, 2023, p. 35), o qual apresentamos a seguir:

²⁵ Ela caminhava distraída e contrariada, de fato. Ia contra a própria vontade. Isso deve ter sido percebido pelo homem que, rapidamente, passou ao seu lado tentando arrancar a bolsa de seu ombro esquerdo. Isso também foi certamente notado pelo outro homem que, correndo em sentido contrário, tentou levar sua mala. O vento entre os dois. O rosto quando desaparece. O aroma do furtivo. Quando surgiu o terceiro homem, que repetiu seu nome várias vezes e a segurou pelos ombros ao perceber sua falta de reação, ela não conseguiu fazer outra coisa senão cair no choro. Levou alguns minutos para perceber que chorava sobre o peito de um homem desconhecido.

²⁶ Cidade dos Homens.

²⁷ Autoetnografia do outro.

²⁸ O cinema, o colonialismo e a antropologia nasceram ao mesmo tempo.

²⁹ Citação textual em dois idiomas [Tradução da autora].

Escribir etnografía le ofrece al autor la oportunidad de reencontrarse con el otro de manera “segura”, así como de hallar significado en el caos de la experiencia vivida a través de la ordenación del pasado. Es una especie de odisea proustiana en la cual el etnógrafo trata de encontrar significado en eventos cuya importancia era más bien elusiva en el momento en que se estaban viviendo.

Dorinne Kondo, “Disolución y reconstitución del Yo. Implicaciones para una epistemología antropológica”.

Writing ethnography offers the author the opportunity to reencounter the other “safely”, to find meaning in the chaos of lived experience through retrospectively ordering the past. It is a kind of proustian quest in which the ethnographer seeks meaning events whose significance was elusive while they were being lived.

Dorinne Kondo, “Dissolution and Reconstitution of Self. Implications for Anthropological Epistemology”³⁰ (Rivera Garza, 2023, p. 35).

No excerto acima, Rivera Garza descreve a etnografia como a oportunidade de se reencontrar com o outro de forma segura e faz referência a Dorinne Kondo, atualmente, professora de Estudos Americanos e Etnia e de Antropologia na Universidade do Sul da Califórnia, instituição localizada em Los Angeles, cidade da costa leste dos Estados Unidos, equidistante cerca de 200 quilômetros de Tijuana, na Baixa Califórnia mexicana.

Cristina Rivera Garza também deixa em evidência que o fragmento em análise é uma tradução de sua autoria, o que nos remete ao trânsito fronteiriço ocupado por ela, constituindo-se entre a cultura mexicana e estadunidense. Ainda sobre a citação em destaque, ao realizar uma tradução literal do espanhol ao inglês, a autora mexicana realiza um gesto glotopolítico, visto que, como afirma Lagares (2021, p. 53), seu texto se preocupa não somente com o *status* das línguas, mas com as práticas de linguagem, já que “toda sociedade é linguageira e que toda prática de linguagem é social”. É necessário retornar ao início deste artigo, quando recordamos que Rivera Garza nasceu na cidade de Matamoros, na fronteira com os Estados Unidos, região de contato linguístico entre o inglês e o espanhol. Enquanto gesto glotopolítico (Lagares, 2024), o excerto nos possibilita dizer que a autora não está interessada em reforçar o status do inglês enquanto pretensa língua internacional, mas de colocá-lo em contato com o espanhol, elaborando uma metafórica imagem da fronteira, na qual as duas línguas estão em perene contato, como ilustra Anzaldúa (2009, p. 305):

³⁰ Escrever etnografia oferece ao autor a oportunidade de reencontrar o outro de maneira “segura”, bem como de encontrar sentido no caos da experiência vivida por meio da ordenação retrospectiva do passado. Trata-se de uma espécie de busca proustiana na qual o etnógrafo procura atribuir significado a acontecimentos cuja importância se mostrava fugidia enquanto estavam sendo vividos. Dorinne Kondo, “*Dissolução e Reconstituição do Eu: Implicações para uma Epistemologia Antropológica*”.

*“I want you to speak English³¹”. Para encontrar bom trabalho tem que *hablar el inglés bien*³². O que vale toda a sua educação se você fala *inglês* com um *“accent”*³³, diria minha mãe, mortificada porque eu falava inglês como uma mexicana. Na *Pan American University*³⁴, eu e todos os estudantes chicanos fomos obrigados a pagar duas disciplinas de prática oral de língua. O propósito delas: livrar-nos de nossos sotaques. Ataques à forma de expressão de alguém com o intento de censurar são violações à Primeira Emenda.*

A citação de Anzaldúa problematiza a realidade vivida pelos povos chicanos que, em sua formação acadêmica, por exemplo, precisavam cursar disciplinas de prática oral de inglês, como uma tentativa de aproximação ao inglês padrão norte-americano. A tradução de Cristina Rivera Garza, por sua vez, funciona como uma ação glotopolítica que evoca práticas sociais de linguagem (Guespin; Marcellesi, 2021), dado que, se no contexto de Anzaldúa, sabe-se que as práticas linguísticas desenvolvidas na fronteira são constantemente atingidas pela tentativa de “domar uma língua selvagem” (Anzaldúa, 2009), no caso de Rivera Garza, num gesto de inversão dessa lógica, o contato entre duas línguas, através da tradução, potencializa a imagem do inglês que se avizinha ao espanhol estabelecendo uma posição fronteira. A este respeito, Deleuze e Guattari (2011, p. 23) afirmam que “não existe uma língua-mãe, mas tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política. A língua se estabiliza em torno de uma paróquia, de um bispado de uma capital”, o que reforça a ideia que aqui tomamos de empréstimo de Lagares (2021) a respeito das interseções entre língua e aspectos sociais e políticos da linguagem, ou no caso concreto, entre língua(s) e fronteiras.

Se, de acordo com Deleuze e Guattari (2011), a língua se estabiliza nos mais diversos espaços sociais, e considerando o exposto por Guespin e Marcellesi (2021, p. 23), que defendem que “o fato glotopolítico vai dos atos minúsculos e familiares [...] até as intervenções mais visíveis: decisão sobre o direito de determinada categoria social ao uso da palavra, sob a modalidade que for”, a narrativa de Cristina Rivera Garza traz a história do *nūshu*, “una lengua secreta” (Rivera Garza, 2023, p. 167), criada e utilizada exclusivamente por mulheres no condado de Jiangyong, província de Hunan, China, há cerca de 400 anos. Ao discutir a construção do gênero como categoria arbitrária, Segato (2018, p. 24) faz uma reflexão sobre a gramática “con sus substantivos masculinos y femeninos, con sus artículos masculinos y

³¹ Quero que você fale em inglês.

³² Falar inglês bem.

³³ Sotaque.

³⁴ Universidade Panamericana.

femeninos, donde masculino y femenino son atribuidos por reglas arbitrarias³⁵”, aspecto que pode ser observado na reprodução da cena abaixo, ilustrando o segundo momento de contato entre línguas em Rivera Garza:

El hombre que temía a los remolinos sabía que el nüshu es una lengua secreta. Era. Sabría que las mujeres de la provincia de Hunan lo habían creado en el siglo III y que, desde entonces, lo transmitían de generación en generación como un escandaloso secreto femenino. Sabría todo lo que le había dicho Xian de esa escritura de mujeres: que era una forma de expresión en un medio de otra manera opresivamente masculino; que se inscribía en papel o se pintaba sobre abanicos o se bordaba en pañuelos; que componía así las llamadas Misivas del Tercer Día con que las amigas y familiares le mandaban consejos a la recién desposada. A la mujer ida. Sabría que el nüshu constaba de rasgos delgados y finos – rasgos que a él le parecían encantadores. Y sabría, por supuesto, del abismo entre la provincia de Hunan y los soldados de terracota de Xian y, por eso, no le había creído nada. Por eso le había dejado hablar³⁶ (Rivera Garza, 2023, p. 167).

Além do excerto traduzido do espanhol ao inglês, na citação acima temos a presença do nüshu na construção da obra da escritora mexicana. Em diálogo com a reflexão de Segato (2018) acerca do surgimento de “contra-pedagogias da crueldade³⁷” no contexto de cidades patriarcais, é interessante observar que, em um país que carrega consigo uma forte herança patriarcal, nasce na China o nüshu, uma língua de resistência, utilizada por mulheres como forma de contraponto à dominação masculina, sendo ensinada, normalmente, de mãe para filha. Neste momento, temos um exemplo de ação glotopolítica (Lagares, 2024) desempenhada por Rivera Garza através de sua narrativa, ao popularizar e trazer à tona uma língua que, em conformidade com Guespin e Marcellesi (2021, p. 24), altera as relações sociais, pois “toda decisão que modifica as relações sociais é, do ponto de vista do linguista, uma decisão

³⁵ Com seus substantivos masculinos e femininos, com seus artigos masculinos e femininos, onde masculino e feminino são atribuídos por regras arbitrárias.

³⁶ O homem que temia os redemoinhos saberia que o nüshu é uma língua secreta. Ou melhor, era. Saber que as mulheres da província de Hunan a haviam criado no século III e que, desde então, a transmitiam de geração em geração como um escandaloso segredo feminino. Saber tudo o que Xian lhe havia contado sobre essa escrita das mulheres: que era uma forma de expressão em um meio de outro modo opressivamente masculino; que era inscrita em papel, pintada sobre leques ou bordada em lenços; que assim compunha as chamadas Mensagens do Terceiro Dia, com as quais amigas e familiares enviavam conselhos à recém-casada. À mulher que partia.

Saber que o nüshu era composto de traços delgados e finos — traços que lhe pareciam encantadores. E saberia, naturalmente, do abismo que separava a província de Hunan dos Guerreiros de Terracota de Xian e, por isso, não acreditara em nada do que ela lhe dissera. Por isso a deixara falar.

³⁷ Contrapedagogias da crueldade.

glotopolítica”. Neste caso, a alteração das relações sociais por meio da linguagem ocorre quando as mulheres criam uma língua capaz de protegê-las do que Segato (2018) denomina como Estado patriarcal.

Nesse caso, portanto, o contato entre as línguas ocorre a partir do nüshu e do chinês, havendo inclusive a comparação através de imagens do sistema de escrita ideográfica das duas línguas (cf. Rivera Garza, 2023, p. 168), sendo a primeira transcrita em papel ou pintada em leques, enquanto o desenho das letras em chinês se caracteriza por um traçado graficamente mais expressivo. Como gesto glotopolítico (Lagares, 2024), portanto, o nüshu é responsável por modificar as relações sociais (Guespin; Marcellesi, 2021) estabelecidas entre homens e mulheres na China. Ao nos debruçarmos sobre o conto de Rivera Garza, notamos que a língua tida como secreta era de conhecimento de um homem. Poderia-se, pois, afirmar que, na citação focalizada acima, temos o momento em que o homem sabe da existência de uma língua que, segundo a própria citação, “era una forma de expresión en el medio de otra manera opresivamente masculino³⁸” (Rivera Garza, 2023, p. 168), fato que questiona a gramática arbitrária, discutida por Segato (2018), a partir da criação de uma outra gramática, de natureza criticamente glotopolítica, que interfere nos usos que homens e mulheres fazem das línguas.

4 A terceira fronteira: a imbricação entre gêneros literários

Ainda que, no célebre ensaio em que Josefina Ludmer (2007), há quase duas décadas, apresenta a noção de literaturas pós-autônomas, faça-se referência, majoritariamente, ao contexto das dicções literárias “que se situam em ilhas urbanas (em zonas sociais) da cidade de Buenos Aires” (Ludmer, 2007, p. 1), é possível estabelecer pontos de aproximação entre a reflexão desta teórica argentina e o projeto estético presente em *La frontera más distante* (2023), de Cristina Rivera Garza. Não à toa, na entrevista já mencionada (concedida à Ellen Vasconcellos), Rivera Garza, conforme se lê no trecho a seguir, afirma conhecer o conceito teórico de Ludmer: “já citei muitas vezes esse início do ensaio de Ludmer sobre as literaturas pós-autônomas: não importa se elas são ou não literárias, se são ou não reais. Sua função é

³⁸ Era uma forma de expressão no meio de outra maneira opressivamente masculina.

produzir presente”, o que reforça a ideia de que a autora tem produzido textos literários que podem se vincular ao debate sobre pós-autonomia.

Em sua reflexão, Ludmer (2007, p. 01) analisa um conjunto de textos que “não admitem leitura literária; isto quer dizer que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura. E tampouco se sabe ou não se importa se são realidade ou ficção”. Com o avanço e reconhecimento das escritas da autoficção, nestas primeiras dos anos 2000, é possível perceber, no caso de Rivera Garza, um reconhecimento da inserção de sua produção no que se entende por literatura, tendo a autora, inclusive, como dito na introdução deste artigo, recebido o Pulitzer pela publicação de *O invencível verão de Liliana* (2022)³⁹. No entanto, tal inserção apresenta-se ainda como um tensionamento da tradição e do campo literário. Na esteira desta colocação, pode-se observar que Ludmer (2007, p. 01) também propunha um exercício imaginativo: “Imaginemos isto. Muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora, como em posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior. Como se estivessem ‘em êxodo’.”

São dois os estágios em que *La frontera más distante* (2023), Cristina Rivera Garza atravessa, como indica Ludmer (2007), as fronteiras do literário. Em um primeiro momento, conforme problematizado na seção anterior, o contato entre línguas (o espanhol e o inglês, o nūshu e o chinês) coloca a narrativa de Rivera Garza em uma posição fronteira, semelhante ao que propõe Ludmer (2007), ao afirmar que as literaturas pós-autônomas estão em êxodo, ou seja, em um movimento de emigração. O contato entre as línguas gera uma narrativa em êxodo (Ludmer, 2007), além de uma dificuldade conceitual de delimitação do espaço e do lugar onde a história ocorre. Lembremo-nos, pois, da citação a Juan Rulfo que abre e encerra a obra, na qual o personagem pergunta: “¿En qué país estamos, Agripina?”⁴⁰ (Rulfo, apud Rivera Garza, 2023, p. 13). As reflexões de Ottmar Ette colaboram com esta discussão a partir do conceito de “literaturas sem residência fixa”, o qual pode ser entendido da seguinte forma:

As literaturas sem residência fixa, mas também as literaturas do mundo como um todo formam, transversalmente às línguas, transversalmente às culturas, transversalmente às delimitações de que de modo algum se diluem, mas de

³⁹ *O invencível verão de Liliana* (2022) é resultado de mais de 30 anos de pesquisa investigativa realizada por Cristina Rivera Garza sobre o assassinato (com perfil de feminicídio) de sua própria irmã. A narrativa é formada pelas intersecções entre realidade e ficção, o que também aproxima a escritora da pós-autonomia discutida por Ludmer.

⁴⁰ Em que país estamos, Agripina?

certa maneira se multiplicam, uma escola de pensamento do multilógico e um laboratório para a convivência para além da exclusão, para além de uma incessante alterização e expulsão (Ette, 2019, p. 36).

De acordo com Ette (2019) as literaturas sem residência fixa atravessam línguas e culturas, de modo que se impõe, neste cenário, a impossibilidade da marcação destas literaturas em um território monolíngue. Ao tratar doportunhol, Andrade (2019) advoga que as práticas translíngues questionam o cânone nacional, formado por uma concepção monolíngue de literatura, coadunando-se, por sua vez, com a noção de literaturas sem residência fixa (Ette, 2019), pois “tanto a noção de extraterritorialidade do discurso literário atual, quanto o transbordamento de fronteiras [...], fazem a crítica literária associar o fenômeno do translanguismo ao processo de contestação do cânone nacional” (Andrade, 2019, p. 118).

No caso de Cristina Rivera Garza, a contestação do cânone nacional não ocorre apenas pelo plano do literário em si mesmo, mas ganha uma complexidade maior através do processo designado, nos últimos anos, por Andrade (2025, p. 55), como “glotopolítica do literário”, ou seja, como “inflexões glotopolíticas implicadas no discurso literário”. No conto “Cita textual en dos idiomas⁴¹”, Cristina Rivera Garza traz uma tradução própria do espanhol para o inglês, sendo este um exemplo de contato entre línguas. Já na parte final da narrativa, a autora apresenta, lado a lado, em posição fronteira, os ideogramas de um texto em chinês e outro em nüshu, apresentando diferenças gráficas a partir do traçado das fontes. Os dois exemplos comentados ilustram o contato entre línguas em Rivera Garza, como também as chamadas inflexões glotopolíticas na literatura (Andrade, 2025) por meio das quais se torna possível perceber o que Ette (2019) nomeia de “escrita-entre-mundos”, de modo particular, entre os mundos de língua inglesa, espanhola, chinesa e da língua de resistência nüshu. A propósito disso, Ette também advoga que:

Por meio de seus incessantes movimentos e mudanças de perspectivas, as literaturas do mundo ampliam a habitabilidade deste mundo através da humanidade, de modo que a busca pela convivência e a pergunta por um convívio mundial pode ser apreciada como sendo o núcleo *escrita-entre-mundos* que atravessa línguas, culturas e épocas. Há muito se desenvolveram não apenas formas escritas transnacionais, mas também transareais e, simultaneamente, translíngues (posto que transculturais), as quais, após a época da literatura universal, estruturam a pluralidade dos

⁴¹ Citação textual em dois idiomas.

processos literários universais de maneira ainda mais complexa e aberta (Ette, 2019, p. 37).

Concordamos com Ette (2019) quando o estudioso afirma que a categoria de “escrita-entre-mundos” é atravessada por línguas, culturas e épocas. Se, como defende Ette (2019, p. 36), o conceito de literatura universal tornou-se obsoleto, é imperativo dizer que estas literaturas, a exemplo de *La frontera más distante* (2023), também se formam no atravessamento entre os gêneros literários. Por esta linha de pensamento, em um segundo momento, Cristina Rivera Garza tensiona as fronteiras do literário a partir da presença de inúmeros gêneros que vão formando a narrativa.

Nas páginas iniciais, quando do encontro entre a jornalista e o homem que chorava no aeroporto, deparamo-nos com a seguinte fala da personagem narradora: “Algo muy cercano al gozo me invadió cuando comprobé que el hombre del aeropuerto mantenía ese silencio palpitante que invita a la continuación de los relatos⁴²” (Rivera Garza, 2023, p. 21). Temos, portanto, a indicação de que *La frontera más distante* (2023) se constitui por um conjunto de contos, os quais estão formados por outros gêneros. O conto “El gesto de alguien que está en otra parte⁴³”, por exemplo, é formado por poemas e por uma espécie de glossário literário de termos. A seguir, apresentamos um poema extraído daí:

In situ

Es en el sexo.
Es dentro de los espasmos de la respiración entrecortada, sedienta,
inmisericorde.
Es en el alrededor de la forma. En el ocaso de la luz.
Hay un cuerpo dentro de otro.
Hay un cuerpo alrededor del otro.
Es el momento en que los dos callan y nadie dice la verdad.
Afuera: el mundo.
Adentro: un vendaval.
(El *vendaval* es eso que otros menos afectados por la naturaleza
hipnótica del lenguaje estarían tentados a llamar “un desastre natural”).
Todo eso ocurre en el sexo⁴⁴.

⁴² Algo muito próximo ao gozo me invadiu quando comprovei que o homem do aeroporto mantinha esse silêncio palpitante que convida a continuar os relatos.

⁴³ O gesto de alguém que está em outra parte.

⁴⁴ In situ

É no sexo.

É dentro dos espasmos da respiração entrecortada, sedenta, impiedosa.

É ao redor da forma. No ocaso da luz.

Há um corpo dentro do outro.

Dentro (Rivera Garza, 2023, p. 73).

No poema denominado “*In situ*”, termo que advém do latim e significa em seu local natural, ou original, apresenta-se a representação de uma relação sexual entre dois corpos que, a partir do sexo, se encontram um dentro do outro. A penetração é tida, metaforicamente, como sinônimo de um vendaval, o qual é explicado como um desastre natural. O poema aparece entre os contos que narram o encontro entre a jornalista e o homem que chora, não sendo possível afirmar que houve uma relação sexual entre ambos. Em continuidade, no mesmo capítulo, encontramos um conjunto de verbetes, dentre os quais um faz referência ao sexo:

Doble penetración

Le dijo eso precisamente. Le dijo que había presenciado su placer; que lo había provocado. Le dijo que, a pesar de la oscuridad, lo había visto. Eso. Sus ojos cerrados. Su boca entreabierta. El rictus. El gesto de alguien que está en otra parte. La palabra *ida*. Le dijo que lo había visto todo con ayuda del resplandor del alumbrado público que penetraba la ventada⁴⁵ (Rivera Garza, 2023, p. 75).

A construção do verbete “Doble penetración⁴⁶” é eminentemente ficcional. Narra-se parte de uma relação sexual com elementos sensuais, como os olhos fechados e a boca entreaberta. Os exemplos aqui analisados parecem funcionar como ilustrativos de que *La frontera más distante* (2023), de Rivera Garza, atravessa a fronteira do literário e se aproxima do que Ludmer (2007) definiu como literaturas pós-autônomas. Nas palavras da autora argentina:

Em algumas escrituras do presente que atravessaram a fronteira literária (e que chamamos pós-autônomas) se pode ver nitidamente o processo de perda da autonomia da literatura e as transformações que produzem. Terminam formalmente as classificações literárias; é o fim das guerras e divisões e oposições nacionais ou cosmopolitas, formas do realismo ou da vanguarda, da literatura pura ou “da literatura social” ou comprometida, da literatura rural e urbana, e também termina a diferenciação literária entre

Há um corpo ao redor do outro.

É o momento em que ambos se calam e ninguém diz a verdade.

Lá fora: o mundo.

Aqui dentro: um vendaval.

(O vendaval é isso que outros, menos afetados pela natureza hipnótica da linguagem, estariam tentados a chamar de “um desastre natural”.)

Tudo isso acontece no sexo.

⁴⁵ Dupla penetração

Foi exatamente isso que ela lhe disse. Disse que havia testemunhado o seu prazer; que o havia provocado. Disse que, apesar da escuridão, o tinha visto. Aquilo. Os olhos fechados. A boca entreaberta. O esgar. O gesto de alguém que está em outro lugar. A palavra ausente. Disse que tinha visto tudo com a ajuda do clarão da iluminação pública que penetrava pela janela.

⁴⁶ Dupla penetração.

realidade (histórica) e ficção. Não se pode ler essas escrituras com ou nesses termos; são as duas coisas, oscilam entre as duas ou as desdiferenciam (Ludmer, 2007, p. 3).

Para Ludmer (2007), as literaturas pós-autônomas apresentam, como consequência, as ruínas das classificações literárias que dividiam os gêneros em lírico, narrativo e dramático. No conto de Rivera Garza “Raro es el pájaro que puede atravesar el río Prípiat⁴⁷”, por exemplo, ilustra-se a descrição técnica de uma música eletrônica, que explica quais sons e efeitos foram empregados na música em reprodução:

[Música electrónica]

Esto es lo que la Mujer Joven escucha a través de los audífonos mientras brinca (el cabello en lo alto) (las manos en el puño) (los pies lejos del suelo) con los ojos cerrados⁴⁸:

Intro-percusiones-(eq +graves)-acordes piano **Kontakt** (delay)-melodía piano **Kontak** (**filtro** band pass)-acordes sintetizados del VsT A1 **Waldorf**, sonido Warm Pad (**filtro** low-pass 24 Db), Velocity 50%, modulación+3, oscil +2 en sync, chorus/flanger 90& Depth 100%, mixer 70%, ring Mod 65% Osc2 50% [...] (Rivera Garza, 2023, p. 183).

Deste modo, percebemos que Cristina Rivera Garza constrói os textos que compõem *La frontera más distante* (2023) a partir do entrelaçamento de diferentes gêneros, pertencentes à esfera literária e não-literária, como o narrativo, o lírico, o verbete e a descrição técnica de música eletrônica, cuja fricção e tensionamento, em posição fronteiriça, aproxima-se da discussão proposta por Ludmer (2007) a respeito da perda da autonomia estética e o consequente fim das classificações estanques dos gêneros literários.

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos uma análise crítica da obra *La frontera más distante* (2023), de Cristina Rivera Garza, tendo como objetivo problematizar a formação de três representações fronteiriças, de natureza geográfica, de línguas e de gêneros literários.

⁴⁷ Raro é o pássaro que pode atravessar o rio Prípiat.

⁴⁸ Música eletrônica

É isto que a Mulher Jovem escuta através dos fones de ouvido enquanto salta (o cabelo no alto) (as mãos cerradas em punho) (os pés longe do chão), de olhos fechados.

Em relação à primeira fronteira, observamos que a obra da escritora mexicana tematiza, desde os momentos iniciais, o trânsito entre dois personagens que circulam em um aeroporto, reforçando a ideia de deslocamento geográfico. A segunda fronteira discute o contato entre línguas na narrativa de Rivera Garza. A partir da tradução do espanhol para o inglês e da comparação entre os sistemas linguísticos ideográficos do chinês e do nüshu, a autora mexicana coloca em posição de contato duas línguas amplamente faladas no Ocidente e duas línguas do Oriente. A terceira representação fronteiriça emerge da presença de diferentes gêneros nos contos que formam o todo da obra em análise.

Sob diferentes perspectivas, as fronteiras destacadas apontam para Cristina Rivera Garza como propulsora de uma arguta dicção translíngue e transfronteiriça da literatura latino-americana contemporânea. Para Andrade (2019), as práticas translíngues não apenas anunciam a ruptura com tradições linguísticas e literárias nacionais, mas possibilitam também um posicionamento no discurso que problematiza as relações com a alteridade. Nesse sentido, podemos refletir que em *La frontera más distante* (2023), Rivera Garza promove ambos os gestos disruptivos apontados por Andrade (2019).

A partir da obra analisada, concluímos que a presença de práticas translíngues e transfronteiriças em Rivera Garza ocorrem não só pelo deslocamento dos personagens, mas também pelo contato entre línguas, a partir de um par linguístico comumente falado no Ocidente: espanhol-inglês, e a partir da relação entre duas línguas do Oriente: o chinês e o nüshu. Com este procedimento narrativo, temos o tensionamento das relações de alteridade, uma vez que Rivera Garza traz para o centro da discussão os efeitos de estrangeiridade (e de alteridade constitutiva) que se materializam pelos deslocamentos geográficos, pelas línguas e pela condição do sujeito entre mundos: o Ocidental e o Oriental.

Outrossim, a terceira representação fronteiriça da escrita de Cristina Rivera Garza coloca diferentes gêneros em contato: da prosa ficcional à etnografia, da poesia à descrição técnica de uma música eletrônica ouvida por uma personagem da obra. Com estes procedimentos de textualização, que se aproximam, conforme demonstramos, da noção de literaturas pós-autônomas (Ludmer, 2007), Rivera Garza cria, portanto, um todo narrativo que se aproxima do que Ette (2019) designou de “escrita-entre-mundos”, ou seja, de mundos entre trânsitos e deslocamentos geográficos, de mundos entre línguas e cosmovisões, de mundos entre diferentes gêneros que compõem *La frontera más distante* (2023).

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

ANDRADE, Antonio

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

ANDRADE, A; MELLO, A. M. L. de. *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

ANDRADE, A. Que língua(s)? Que identidade(s)? inflexões contrapedagógicas e glotopolíticas do literário. In: ANDRADE, A; PINHEIRO-MARIZ, J; COSTA JUNIOR, J. V. L. da. *Ensino de literatura no ensino de línguas estrangeiras. Práticas translingues e intercompreensão*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2025, p. 55-78.

ANZALDÚA, G. Como domar uma língua selvagem. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 39, 2009, p. 297-309.

ANZALDÚA, G. *Borderlands. La frontera*. Tradução de Carmen Valle. Madrid: Capitán Swing Libros, S. L, 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

ETTE, O. As literaturas do mundo: condições transculturais e desafios polilógicos de um conceito prospectivo. In: MELLO, A. M. L. de; ANDRADE, A. *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019, p. 21-40.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Cien años de soledad*. Barcelona: Debolsillo, 2014.

GUESPIN, L; MARCELLES, J-B. Defesa da Glotopolítica. In: In: SAVEDRA, M. M. G; PEREIRA, T. C. de A. S; LAGARES, C. X (Organizadores). *Glotopolítica e práticas de linguagem*. Niterói: Eduff, 2021, p. 11-50.

LAGARES, X. C. Uma leitura da “Defesa da Glotopolítica”. In: SAVEDRA, M. M. G; PEREIRA, T. C. de A. S; LAGARES, C. X (Organizadores). *Glotopolítica e práticas de linguagem*. Niterói: Eduff, 2021, p. 51-62.

LAGARES, X, C. Glotopolítica. In: LANDULFO, C; MATOS, D. *Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024, p. 99-108.

LUDMER, J. Literaturas pós-autônomas. *Revista de crítica literária y de cultura*, n. 17, 2007. Disponível em: <https://culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf> Acesso em 29 de julho de 2026.

RIVERA GARZA, C. *O invencível verão de Liliana*. Tradução de Silvia Massimini Félix. São Paulo: Autêntica Contemporânea, 2022.

RIVERA GARZA, C. *La frontera más distante*. Ciudad de México: DeBolsillo, 2023 [2008].

RIVERA GARZA, E. Entrevista: Cristina Rivera Garza (México). [Entrevista concedida a Ellen Maria Vasconcellos]. Revista Puñado, 2021. Disponível em: <https://incompleta.com.br/entrevista-cristina-rivera-garza/> Acesso em 26 de janeiro de 2026.

RIVERA GARZA, C. *Había mucha neblina o humo o no sé qué*. Buenos Aires: Literatura Random House, 2017.

SEGATO, R. *Contra-pedagogías de la crueldad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

TRIGO, A. *Fronteras de la epistemología: epistemologías de la frontera*. *Papeles de Montevideo*, n. 1, junio de 1997.

VERGÈS, F. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.